

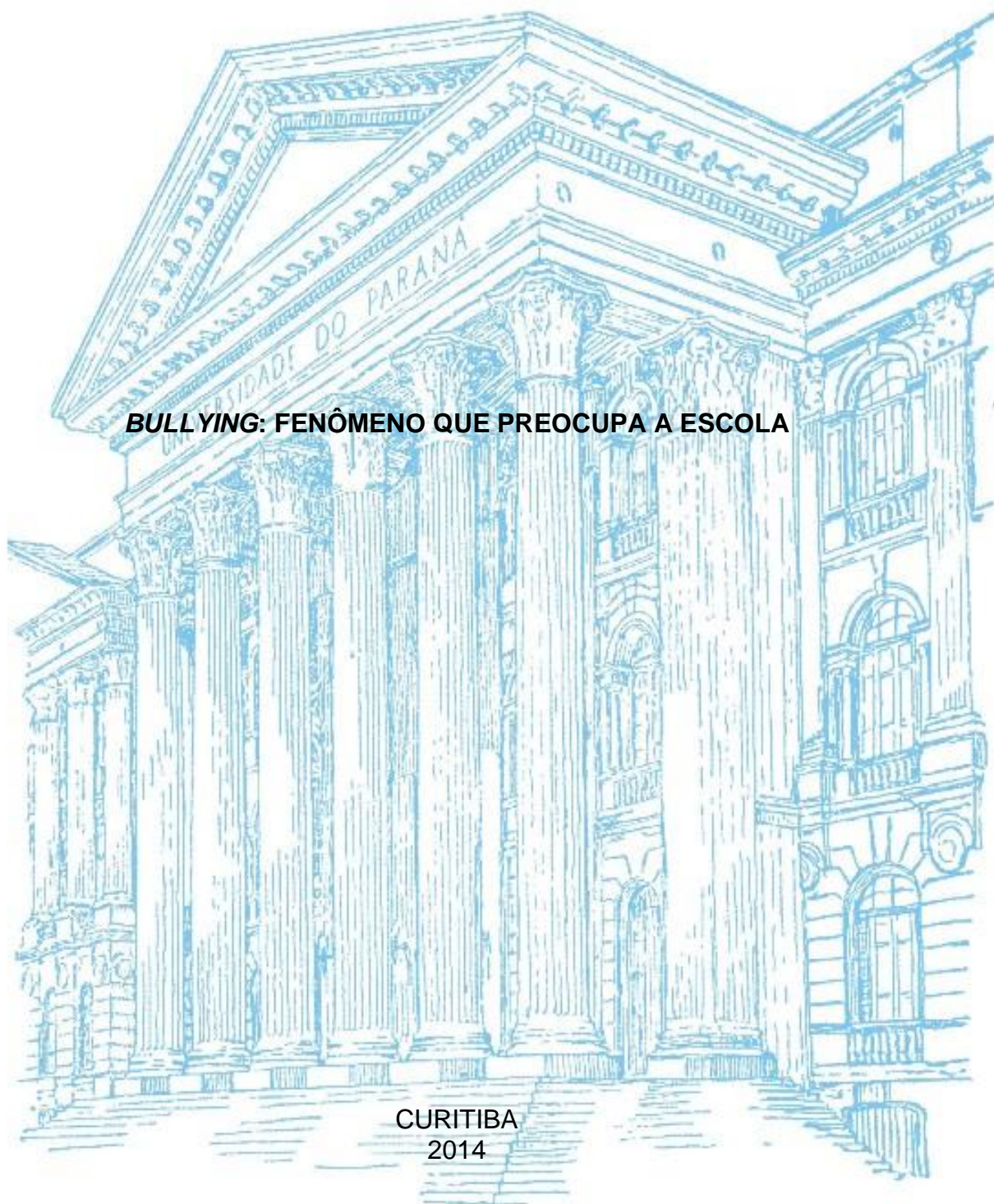
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

INEZ BRUM CAMPOS DA SILVA

BULLYING: FENÔMENO QUE PREOCUPA A ESCOLA

CURITIBA
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

INEZ BRUM CAMPOS DA SILVA

BULLYING: FENÔMENO QUE PREOCUPA A ESCOLA

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Paulo Fioravante Giareta.

CURITIBA
2014

BULLYING: FENÔMENO QUE PREOCUPA A ESCOLA

INEZ BRUM CAMPOS DA SILVA*

RESUMO

Este trabalho tem como propósito analisar um fenômeno presente nas escolas: o *bullying*. Expressão de origem inglesa que define um tipo específico de violência que se caracteriza pela sua repetitividade, abrangendo comportamentos agressivos que de certa forma é tolerada pela comunidade escolar. Considerando a importância de se investigar o tema em questão, a presente pesquisa tem como objetivo verificar se os professores têm conhecimento sobre esse fenômeno e quais estratégias utilizam para prevenir e combater o *bullying* no ambiente escolar. Por isso é importante que os educadores conheçam essa problemática e quais as consequências na sua prática docente e principalmente, os efeitos do *bullying* na vida dos educandos. Os procedimentos metodológicos utilizados para trabalho foram estudos do referencial teórico e questionários aplicados a professoras do ensino fundamental, de uma escola municipal que oferta ensino em tempo integral.

Palavras-chave: Bullying. Violência escolar. Papel do professor.

*Artigo produzido pela aluna Inez Brum Campos da Silva do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação do professor Dr. Paulo Fioravante Giareta. E-mail: inezbrum@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade investigar a temática do *bullying* podendo ser definida como um tipo de violência moral, que vem despertando o interesse dos profissionais da área de educação, uma vez que indica progressiva manifestação no espaço escolar e é uma discussão recente enquanto objeto de estudos científicos.

Podemos definir que o *Bullying* é um comportamento consciente, intencional, deliberado, hostil e repetido, de uma ou mais pessoas, cuja intenção é ferir outros. Assim o *bullying* compreende todas as atitudes agressoras, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, sendo executada dentro de uma relação desigual de poder.

O *Bullying* é uma palavra de origem inglesa, que foi adotada por diversos países, para conceituar alguns comportamentos agressivos e antissociais, e é um termo muito utilizado nos estudos realizados sobre a problemática da violência escolar.

Este trabalho teve como objetivo verificar o papel da escola, na prevenção e no combate ao *bullying* no ambiente escolar. Buscou compreender o que é *bullying* o que as suas consequências provocam quais as ações que estão sendo realizadas para prevenir e combater e se os educadores conhecem essa problemática e os efeitos que causa na vida dos seus educandos.

O *bullying* escolar é uma forma de violência caracterizada por agressões físicas ou morais entre alunos, sejam crianças ou adolescentes, no interior da escola. Causam desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamento responsáveis por índices de suicídios e homicídios entre estudantes. Qualquer forma de intimidação, que seja repetitiva, com o mesmo alvo, é considerada *bullying*.

Buscou com essa finalidade pesquisar sobre o fenômeno *bullying* na escola, fazendo uma análise crítica das causas e consequências, que traz reflexos da família e da sociedade atual. Compreender quais as estratégias de intervenção que estão sendo utilizadas pela escola para lidar com presença do

bullying em seu interior, como os profissionais em educação estão sendo preparados/orientados para enfrentar o problema dentro de sala de aula.

No entanto frente a estas evidências é necessário que se pesquise o posicionamento que a escola tem perante esse novo desafio moderno e que, no entanto traz em seu seio uma temática bastante discutida a da violência nas escolas, e de como prevenir e como enfrentar este fenômeno, denominado *bullying*.

A pesquisa está estruturada da seguinte forma: no primeiro momento foi abordado o histórico, conceituação do *bullying* e seus atores, apresenta os papéis de cada um na dinâmica do fenômeno bem como as consequências dentro deste contexto, fazendo uma análise do papel da escola do professor e do pedagogo frente a essa temática que cada vez mais está presente na escola.

No segundo momento foi realizada uma pesquisa com professores da Escola Municipal Pedro dos Santos, os dados foram obtidos através de questionários, fornecendo informações referentes à temática proposta.

Assim, a presente pesquisa, no seu aspecto metodológico, caracteriza-se como bibliográfica e de campo. Bibliográfica porque se refere aos estudos investigativos que tem como base fontes de referências, constituído principalmente de livros, periódicos, artigos científicos, revistas e internet.

Lakatos e Marconi (2001, p. 43 – 44) afirmam que toda a pesquisa bibliográfica:

(...) trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita [documentos eletrônicos]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações.

A investigação bibliográfica responde, aqui, ao intuito de recolher informações e conhecimentos preliminares sobre a problemática do *bullying* no contexto escolar para o qual se procura adquirir maior conhecimento com o objetivo de se ter alternativas de como lidar com a questão proposta.

Sendo assim, a pesquisa baseou-se em livros e textos já publicados cientificamente, considerando autores de renome que desenvolveram

pesquisas e estudos sobre o *bullying* e estão diretamente envolvidos com esse fenômeno que está instalado em nossas escolas e sociedade.

O trabalho de campo desenvolveu-se por meio da pesquisa qualitativa, considerando que essa abordagem pode proporcionar resultados significativos na área educacional, no sentido de oportunizar ao pesquisador uma visão mais ampla no cotidiano escolar, além de produzir conhecimentos e contribuir para a transformação da realidade estudada.

Ludke e André (1986 p. 11), postulam

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural com sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento(...). A pesquisa qualitativa supõe o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que esta sendo investigada via de regra através do trabalho intensivo de campo.

Os dados para essa pesquisa foram obtidos por meio de questionários aplicados às professoras do ensino fundamental da escola Municipal Pedro dos Santos, com o objetivo de analisar suas ações quanto à prevenção e combate ao *bullying* no ambiente escolar.

2 BULLYING COMO FENOMENO HISTÓRICO

Estamos vivenciando um momento da história em que a violência está cada vez mais presente no nosso cotidiano e faz parte da realidade das escolas, onde os alunos passam por situações de humilhação, gozações, ameaças, chantagens, imitações e são tachados com apelidos constrangedores.

Devido ao caráter preocupante que esta problemática vem se apresentando em todo o mundo, muitos pesquisadores têm realizado pesquisas sobre este fenômeno. Que está crescendo assustadoramente, atingindo faixas etárias cada vez mais baixas, ou seja, os primeiros anos de escolaridade. E indica estar disseminado em todas as classes sociais.

Foi o professor Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, que deu início aos estudos sobre *bullying* na Universidade de Bergen – Noruega (1978 a 1993) e com a Campanha Nacional Anti-BULLYING nas escolas norueguesas (1993).

No início dos anos 70, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de *BULLYING*, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema.

Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do *BULLYING* foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que um em cada sete estudantes estava envolvido em caso de *BULLYING*. Em 1993, Olweus publicou o livro “*BULLYING at school*” apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas.

Essa obra deu origem a uma Campanha Nacional, com o apoio do Governo Norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de *BULLYING* nas escolas. Sua repercussão em outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivou essas nações a desenvolverem suas próprias ações.

Conforme a ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência, no Brasil são recentes os estudos a respeito do *bullying*, sendo reflexo dos trabalhos feito na Europa. Somente em 1997 a professora Marta Canfield, procurou observar os comportamentos agressivos apresentados por crianças em quatro escolas de ensino público em Santa Maria no Rio Grande do Sul, usando uma forma adaptada por sua equipe, do questionário de Olweus em 1989.

No Brasil o tema, começou a ser levado ao conhecimento da sociedade a partir de 2000, pelos autores Cleo Fante e José Augusto Pedra que realizaram uma pesquisa bastante abrangente sobre o assunto. Com este trabalho pioneiro resultou de um programa de combate ao *bullying* denominado “Educar para a Paz”, colocado em prática no interior paulista. Com isso o tema começou a ganhar espaço em debates públicos.

E outros estudos semelhantes, ao menos em finalidade foram acontecendo em todo território brasileiro. Em outubro de 2004, Leonardo Cheffer, publicou, nos Anais da Sexta Semana de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá: Subjetividade e Arte, o qual trata a respeito de *bullying*, onde descreveu o início de uma pesquisa quantitativa e qualitativa realizada por ele, com duzentos e quarenta alunos de quinta a oitava séries de uma escola pública de uma cidade do norte do Estado do Paraná, a fim de caracterizar o perfil das vítimas (CHEFFER, 2004).

2.1 CONCEITO

Bullying é uma palavra advinda da língua inglesa, *bully*, valentão, alguém rude, aquele que gosta de ferir, de amedrontar ou ameaçar o outro. *Bullying* é então a prática em sala de aula de atitudes violentas, com a finalidade de constranger ou retirar do grupo aquela pessoa que é identificada como diferente ou intrusa.

Encontramos vários conceitos para o *bullying*, porém a definição universal trazida por alguns autores como Fante (2005, p. 28 e 29) diz que:

Bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-o à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do “comportamento bullying”.

E segundo o autor Aramis A. Lopes Neto (2011, p. 21), “trata-se do conjunto de comportamentos agressivos e repetitivos de opressão, tirania, agressão e dominação de uma pessoa ou grupos sobre outra pessoa ou grupos, subjugados pela força dos primeiros”.

O *bullying*, assim, compreende todo o tipo de agressões intencionais, repetidas e sem motivo aparente, que um grupo de alunos adota contra um ou vários colegas, em situação desigual de poder, causando intimidação, medo e

danos à vítima. Pode apresentar-se sobre várias formas, desde uma simples gozação ou apelido sempre depreciativo, passando por exclusão do grupo, isolamento, assédio e humilhações, até agressões físicas como chutes, empurrões e pancadas. Pode incluir também roubo ou destruição de objetos pessoais.

O *bullying* conforme a ABRAPIA, Associação criada em 1988 com a finalidade de pesquisar e analisar o fenômeno *bullying*, este termo compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro.

É importante mencionar que existe semelhança do *bullying* com outros comportamentos agressivos, se essa agressividade for permanente pode ser considerada *bullying*. Conforme Pereira (2002, p.18) “é a intencionalidade de fazer mal e a persistência de uma prática a que a vítima é sujeita o que diferencia o *bullying* de outras situações ou comportamentos agressivos”.

2.2 OS PROTAGONISTAS DO BULLYING ESCOLAR.

Normalmente, no *bullying* existem três tipos de pessoas envolvidas: a vítima, o agressor e os espectadores. As vítimas costumam ser pessoas tímidas, frágeis, sem muitos amigos, introvertidas e pouco sociáveis, com baixa capacidade, portanto, de reação a esse tipo de situação, inseguras, têm baixa autoestima, submissão e dificuldade de se expressar e pouca esperança de conseguir ajuda por parte dos responsáveis.

Tem grande dificuldade em reagir a qualquer tipo de insulto ou violência, e também não pede ajuda a ninguém, por medo dos agressores ou da censura dos adultos. O médico e especialista no assunto, Aramis A. Lopes Neto (2005, p. 166) fala a respeito da vítima:

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o bullying. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa auto-estima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo,

depressão e ansiedade. Sua auto-estima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos.

As vítimas sofrem com essas atitudes agressivas e humilhantes, as quais lhes intimidam, impedem-nas de buscar ajuda, pela posição de impotência em que as colocam, acarretam ou agravam sentimentos de baixa autoestima. Podendo evitar a escola e o convívio social, como proteção contra novas agressões. Queixas de indisposição, dores de cabeça ou de barrigas, na hora de ir para a escola, podendo se tornar frequente.

O agressor é sempre o que domina seu grupo, não aceita ser contrariado, seu tom de voz é agressivo, é violento por qualquer motivo, quer ser o centro das atenções. Costumam ser pessoas com pequeno grau de empatia, oriundos de famílias desestruturadas, que não trabalham adequadamente a questão dos limites, nas quais não há bom relacionamento afetivo, ou em que a agressão física é comumente utilizada como forma de solucionar conflitos.

São identificados como alguém que ataca repetitivamente outro indivíduo que não seja capaz de reagir. Possui necessidade de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e ameaça e de conseguir o que se propõe, podendo ser de ambos os sexos.

Na maioria das vezes o agressor é mais forte que seus companheiros de classe, possui necessidade de se impor perante a turma e de dominar através de ameaças sentem-se realizados e reconhecidos quando conseguem intimidar os demais, principalmente a sua vítima.

Os espectadores são representados pela maioria dos estudantes, aqueles que não estão envolvidos diretamente nas agressões do *bullying*, não interferem nem participam, mas assiste a violência e aprende a conviver e testemunhar as agressões sofridas e praticadas por outros colegas.

Os autores Fante (2005); Neto (2005) e Constantini (2004) relatam que os espectadores são a maioria dos alunos que convive com o problema, mas geralmente se calam por medo de serem as próximas vítimas. Prevalece a lei do silêncio.

Como afirma Neto (2011, p. 55), “as dificuldades e temores acabam promovendo um clima de silêncio, que acoberta esses atos e dá aos adultos

uma falsa sensação de tranquilidade, com a crença de que o bullying não ocorra”, ou no mínimo de que se trata de um problema insignificante e incapaz de interferir na dinâmica da escola.

2.3 AS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING

São muitas as consequências referentes ao *bullying* podendo ser observada de imediato ou em longo prazo. De imediato e o rendimento escolar, isolamento e constata manifestações de mal-estar tanto em casa como na escola, ou seja, estão relacionados com os distúrbios físicos e psicológicos. A autora Cleo Fante (2005, p.78) deixa claro que as consequências desse fenômeno

Afetam todos os envolvidos e em todos os níveis, porém especialmente a vítima, que pode continuar a sofrer seus efeitos negativos muito além do período escolar. Pode trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de filhos, além de acarretar prejuízo para a sua saúde física e mental.

Baseados em alguns estudos longitudinais demonstram que em longo prazo as crianças que foram vítimas de *bullying* podem se tornarem adultos com dificuldade de se adaptar ao trabalho, não conseguir se relacionar socialmente. E também podendo manifestar quadros de depressão e outros transtornos.

Com relação aos agressores há tendência a comportamento de risco na adolescência: usar drogas, alcoolismo dentre outros, podem se tornar adultos agressivos em casa e no trabalho. Admite-se a probabilidade de serem adultos com comportamento antissocial e podem adotar atitudes violentas ou criminosas.

As testemunhas podem sofrer influências negativas sobre a sua capacidade de concluir seus estudos, podendo se sentir inseguros e ansiosos. E o fato de testemunharem o ato pode influenciar sua vida acadêmica e social.

De acordo com Fante (2005, p.81):

O fenômeno bullying passou a ser considerado como um problema de saúde pública, devendo ser reconhecido pelos profissionais de saúde em razão dos danos físico-emocionais sofridos por aqueles que estão envolvidos nele.

É preciso estar atento à realidade escolar, não adiante fazer de conta que o problema não existe, precisa-se através da conscientização e do compromisso enfrentar o fenômeno *bullying*.

3 O BULLYING E O CONTEXTO ESCOLAR

3.1 O PAPEL DA ESCOLA

A escola é o primeiro contato da criança com o âmbito público, sendo assim, o principal papel da escola é o desenvolvimento integral da criança, ou seja, das dimensões afetiva, cognitiva, ética e sociais.

Na escola, durante processos de socialização, a criança tem a oportunidade de desenvolver a sua identidade e autonomia, interagindo e ampliando os laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos. Desse modo, criam-se condições para as crianças conhecerem, descobrirem e ressignificarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais.

Sendo a escola um ponto de encontro para o desenvolvimento de relações sociais saudáveis, deve à mesma criar oportunidades aos seus alunos para uma socialização efetiva e qualquer desvio nos padrões comportamentais, dentro da mesma, deve ser objeto de estudo e reflexão.

A escola parece não saber conviver com situações que produzam o conflito. Isso para ela é um incômodo que precisa ser resolvido rapidamente sem alarde, ou menos repercussão possível. E a resolução é feita com a utilização de estratégias onde predomina um acobertamento do problema, sem a solução do mesmo.

Percebe-se com isso um agravante no ambiente escolar, o *bullying* que vem crescendo assustadoramente e tornou-se um problema mundial, ocorrem

entre os estudantes na maioria das escolas independente de condições sociais, sendo imprescindível o olhar atento de gestores, educadores e demais agentes educativos aos movimentos de violência no ambiente escolar, para que as intervenções sejam rápidas e efetivas.

Portanto faz-se necessário que as instituições devem oportunizar aos educandos o acesso a essas informações, para que eles possam refletir e conhecer o fenômeno *Bullying*, bem como as terríveis consequências resultantes desse tipo de violência.

3.2 O PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO EM RELAÇÃO AO BULLYING NA ESCOLA.

O papel do pedagogo foi sendo construído historicamente e compreende-se que sua função nem sempre foi organizada da forma como ela se constitui hoje. A cada período da história o pedagogo foi assumindo funções que a escola foi dando a ele. Em alguns momentos esse profissional foi mais valorizado e em outros menos, de acordo com a demanda da sociedade a escola vai se ajustando e seus atores vão se adequando as necessidades cotidianas.

Na sociedade contemporânea o pedagogo é visto como o articulador da prática pedagógica, e tido como elemento fundamental para programar as ações educativas nos vários níveis do ensino. Sua presença numa escola dá um tom de qualidade àquela instituição de ensino.

O pedagogo está diretamente envolvido com a dinâmica da escola, todos os acontecimentos podem estar sob sua orientação e supervisão, principalmente os de natureza pedagógica. A parte pedagógica demarca o espaço de atuação entre o pedagogo e o diretor da escola.

A movimentação do pedagogo permite que ele tenha acesso a questões de ordem disciplinar podendo assim intervir nesses processos quando necessário. Esse fato o coloca diretamente ligado aos acontecimentos como as intimidações entre alunos, o que permite a esta pesquisa observar e investigar

criticamente os aspectos vividos no dia-a-dia e como ele vai utilizar seus conhecimentos para propor medidas que possam amenizar esta questão.

3.3 O PAPEL DO PROFESSOR

Os professores desempenham papel importante, pois está envolvido diretamente com o ambiente escolar, em especial na sala de aula. Enquanto educador recai ao professor a necessidade de rever sua prática, a relação que estabelece com seus alunos (as) e o seu compromisso com a educação, para que possa tomar iniciativa de interferir no momento adequado e de maneira adequada, sendo mediador da aprendizagem, num ambiente onde haja respeito mútuo, solidariedade e cooperação.

Quando o professor se refere ao aluno tratando-o como símbolo de incompetência escolar ou quando sacode uma prova com baixa nota pelas pontas dos dedos perguntando pelo seu autor este está submetendo esse aluno a ser mais uma vítima do *bullying*.

O professor que critica constantemente o seu aluno, o compara com outros, o ignora, está expondo esse aluno a ser mais uma das vítimas do *bullying* e de certa forma está agindo com desrespeito ao espaço pedagógico. Para Lobo (1997, p. 91) “A critica injusta é uma das formas de má comunicação, que provoca ressentimento, hostilidade e deterioração de desempenho, seja em que idade for”.

O educador precisa ser dinâmico que saiba dar atividades diferentes para diferentes alunos, e só pode ocorrer se houver uma mudança na didática do professor, pois segundo Chalita (2008, p. 191)

Além da forma, é preciso um professor que se comunique adequadamente com os alunos. A comunicação é o elemento humanizador que aproxima as pessoas, cria identificação e cumplicidade, clarifica as semelhanças e esclarece as diferenças. Por meio do diálogo as pessoas aprendem sobre as outras. Aprendem a compreender e ser compreendidas, a confiar e a se tornarem confiáveis. A escola precisa de professores e alunos confiáveis.

É o mediador que vai fazer com que se desenvolvam relações sociais, satisfazendo as habilidades cognitivas, dando limites às ações em grupo, oferecendo normas para boa convivência, oferecendo aos alunos possibilidades de construir essas normas em conjunto com a escola, ao mesmo tempo criando oportunidades a seus alunos para uma socialização saudável.

Quando o educador busca ensinar os alunos a lidarem com as emoções, ajudando na resolução de conflitos, mostrando que o diálogo é a melhor maneira de dissipar mal entendidos, discórdias, problemas, resolverem as contendas, conhecer e entender o porquê das diferenças, das demais formas de pensar, de agir dos colegas promovendo o respeito às diferenças isto é benéfico ao desenvolvimento dos alunos e faz com que o ambiente escolar/ou sala de aula torne-se menos agressivo.

Buscou com essa finalidade pesquisar sobre o fenômeno *bullying* na escola, fazendo uma análise crítica das causas e consequências. Compreender quais as estratégias de intervenção que estão sendo utilizadas pela escola para lidar com presença do *bullying* em seu interior, como os profissionais enfrentam o problema no ambiente escolar.

Considerando que a escola necessita ser um ambiente seguro, permitindo à criança socializar-se e desenvolver responsabilidades, defender ideias e, acima de tudo, assumir uma autonomia própria.

A escola também tem se mostrado inabilitada a trabalhar com a afetividade. Os alunos mostram-se agressivos, reproduzindo muitas vezes a educação doméstica, seja por meio dos maus-tratos, do conformismo, da exclusão ou da falta de limites revelados em suas relações interpessoais.

O preparo dos profissionais da educação para lidarem com as manifestações da *bullying* contribuirá para que o ambiente escolar se transforme em um local menos violento, possibilitando aos alunos o equilíbrio e a superação no lidar com suas emoções, valorizando a tolerância e a solidariedade entre os alunos.

No entanto frente a estas evidências é necessário que se pesquise o posicionamento que a escola tem perante esse novo desafio moderno e que, no entanto traz em seu seio uma temática bastante discutida a da violência nas

escolas, e de como prevenir e como enfrentar este fenômeno, denominado *bullying*.

4 O BULLYING A PARTIR DA ANÁLISE DOS PROFESSORES

O trabalho de campo dessa pesquisa foi desenvolvido numa abordagem qualitativa, os dados para essa pesquisa foram obtidos por meio de questionários respondidos pelas professoras da Escola Municipal Pedro dos Santos, ensino fundamental séries iniciais que oferta o ensino em tempo integral no município de Santo Antonio do Sudoeste PR.

O principal objetivo deste estudo é analisar a compreensão do professor quanto ao *bullying*, suas estratégias de como trabalhar e as consequências que o *bullying* pode trazer para a aprendizagem dos alunos de acordo com a visão dos professores. Foram escolhidos os professores desta escola, pois a mesma começou a trabalhar com ensino em tempo integral com alunos com idades entre seis e dez anos. Fase, de acordo com Fante (2005), em que as manifestações de *bullying* são menos presentes, sendo, portanto mais fácil de preveni-lo, para que estes não cometam *bullying* futuramente.

A escola escolhida para a pesquisa é a Escola Municipal Pedro dos Santos – funciona num prédio municipal, do Ensino Fundamental Anos Iniciais em período integral, no município de Santo Antonio do Sudoeste, PR, tendo sete turmas, perfazendo um total de duzentos e vinte e dois alunos, dispondo de quatorze professoras, uma diretora, uma pedagoga, uma secretária, três auxiliares de serviços gerais e uma merendeira.

A estrutura da escola tem sete salas de aula, uma secretária, uma cozinha, e uma sala dos professores, uma biblioteca, um depósito de alimentos, um depósito de materiais diversos, dois banheiros, um saguão e uma quadra de esportes fechada e duas salas de informática.

A escola vista como uma instância onde o trabalho pedagógico é ação construída pela sociedade, todos têm um papel a desempenhar: professores, equipe pedagógica, direção, pais, funcionários, alunos e comunidade local, destina-se um repasse de informações pedagógicas onde irão auxiliar os

membros na sua crescente aprendizagem, e na preparação para sua cidadania e atuação na vida social ao qual estão inseridos.

Os sujeitos diretos desta pesquisa são sete professoras atuantes nessa escola, em ocasião de suas privacidades, serão denominadas nessa pesquisa por professoras A B, C, D, E, F e G, respectivamente com as seguintes formações: professora A com Magistério; as professoras B, C, D com Licenciatura em Pedagogia; professora E com formação em Artes; professora F com Letras Portuguesa Espanhol e Respectivas Literaturas; e a professora G com Licenciatura em Geografia e Pedagogia.

Os questionários aplicados têm como objetivo principal saber dos professores aspectos que envolvem o *bullying* e como lidam com ele, de forma a combatê-lo e preveni-lo na escola. O questionário foi elaborado de acordo com o referencial teórico, a fim de saber qual a posição dos professores diante do *bullying* no ambiente escolar e qual a sua postura com relação ao tema. Foi entregue para todos os professores desta escola, direção equipe pedagógica. Somente sete professoras responderam o questionário.

De acordo com os dados coletados e com o que diz respeito às bibliografias sobre o *bullying*. Cada questão contida no questionário será analisada e discutida e foram transcrita algumas respostas das professoras.

À questão que discute a compreensão do professor sobre o *bullying*, no ambiente escolar os professores envolvidos com a pesquisa indicam o fenômeno ou já tiveram acesso a algum estudo a respeito do tema. Indicam, também, compreender o bullying como atitudes agressivas, intencionais, repetitiva, que se manifesta como um comportamento ligado à agressividade verbal, física e psicológica causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder, tornando possível a intimidação da vítima.

Constatação evidenciada em falas como da professor F, ao elucidar que “o *bullying* é toda e qualquer atitude agressiva verbal ou fisicamente que fere, angustia e amedronta uma pessoa atingindo seus princípios de respeito e dignidade”.

De acordo com Alessandro Costantini (2004, p. 69), o *bullying* é:

Um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de

grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores no confronto com a vítima predestinada.

Sendo assim os professores relatam que os insultos, as intimidações, os apelidos e brincadeiras de mau gosto, acusações injustas, a atuação de grupos que hostilizam com atitudes de provocações às vítimas levando-os a exclusão, essas são algumas manifestações do comportamento do *bullying*, mas que na maioria das vezes os professores nem ficam sabendo que está ocorrendo no ambiente escolar.

Fante (2005, p. 29) afirma que o fenômeno *bullying* já está na escola há muito tempo, porém de forma oculta e sutil, passando despercebido ao professor, pois a maioria das agressões acontece longe dos adultos.

Nesta primeira questão é possível ressaltar que as professoras têm compreensão do que é o *bullying* no ambiente escolar, mas ainda parece ser uma problemática que precisa ser trabalhada nas escolas.

A questão que trata da avaliação do professor sobre a influência e as consequências do bullying para os alunos, os professores parecem a caracterizar como geradoras de algum tipo de consequência às vítimas sejam elas psicológicas ou consequências nos estudos, como o mau desempenho escolar.

A professora G indica avaliar “como algo muito negativo, deixando os alunos com a autoestima baixa e seu rendimento escolar comprometido. Fazendo com que esses indivíduos levem traumas e marcas para toda a vida”.

As consequências comprometem a vida do estudante, prejudica o convívio social e de aprendizagem, a saúde física e emocional, principalmente das vítimas, que se sentem excluídas, sozinhas e abatidas, comprometendo o processo de formação de sua identidade, baixando sua autoestima, causando medo, sentindo-se inseguras e desprotegidas. Já os agressores podem se tornarem ainda mais violentos, pois acreditam que tem o domínio e força entre os mais fracos, gostam de mostrar que detém o poder.

O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. Para Fante, 2005, “o medo, a tensão e a preocupação com sua imagem podem comprometer o desenvolvimento

acadêmico, além de aumentar a ansiedade, insegurança e o conceito negativo de si mesmo”.

O que se pode observar nas respostas das professoras que este fenômeno comportamental atinge a área mais íntima e inviolável do ser humano, a sua alma. Envolvendo e vitimando a criança, na idade escolar, tornando-se refém de ansiedade e de emoções, que interferem negativamente nos seus processos de aprendizagem devido à excessiva mobilização de emoções de medo, de angústia e raiva reprimida.

A esse respeito Fante (2005, p.44) comenta que as consequências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar.

Ao aceitarmos que a escola deve ser um espaço que proporcione o desenvolvimento do aluno em suas dimensões cognitivo-afetivo-motora, entendemos que cabe a ela não só propor objetivos com relação à construção de conhecimentos, mas referentes ao desenvolvimento integral do aluno.

Para a questão que discute as estratégias que o professor utiliza para trabalhar os casos de bullying na escola, indicam que deve ser um trabalho em conjunto, a escola e família, fazendo um trabalho de conscientização.

Há várias maneiras de se prevenir o aparecimento de *bullying* nas escolas. Hoje em dia já se constata os esforços em prol das crianças, com programas próprios para esse fim, visando à conscientização e a motivação no ambiente escolar. As estratégias citadas pelas professoras podem-se destacar algumas como: palestras, encenações (atividades teatrais), vídeos, dinâmicas em grupo explorando a autoestima, igualdade, diálogo, respeito com as diferenças.

Os professores indicam que participação de toda equipe da escola é de extrema importância, pois cabe a ela a responsabilidade de introduzir e executar trabalhos referentes ao *bullying*. Os esforços dos profissionais da educação são necessários para dirigir e melhorar as relações internas, a fim de que o ambiente escolar se torne um lugar seguro e positivo para a aprendizagem dos alunos. Assim, se a escola ensinar seus alunos a respeitar as diferenças, trabalhando a prática de valores, será possível criar um ambiente sadio aos educandos.

Nesse sentido, Pereira (2002, p.11) acrescenta que:

A educação e a cultura deveriam tender à eliminar as formas agressivas de resolução de tensões que provocam as diferenças individuais. A educação deveria valorizar e promover os comportamentos de empatia, a negociação verbal, o intercâmbio de ideias, a cedência de ambas as partes na procura da justiça, no direito à igualdade de oportunidades para todos e no direito às diferenças de cada um. Educar para a liberdade com igualdade de direitos e obrigações em que os direitos de um determinam onde começam os direitos dos outros.

Assim, concluímos que é necessária a participação de toda a comunidade escolar: professores, pais, funcionários, alunos e comunidade em geral nas decisões de processo educativo com ações de conscientizações atitudes de compromisso e de responsabilidade, contribuindo para a supressão do chamado fenômeno *bullying* e buscar construir em nossos ambientes escolares, locais de prazer e sabedoria pra nossos alunos, prevenindo a violência o preconceito, o desrespeito e tudo mais que possa ferir a integridade humana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos este assunto passamos a ter clareza sobre o que se trata o termo *bullying* muito presente na atualidade, bem como no cotidiano social e escolar das crianças e jovens. Levando em conta que este é um fenômeno que está relacionado com agressões e violências efetuadas e praticadas por crianças, adolescentes e jovens, contra colegas e parceiros de atividades sociais.

Para este estudo fez-se uma revisão histórica destes pontos partindo-se da compreensão de certo referencial teórico, completando com uma pesquisa feita com os professores da Escola Municipal Pedro dos Santos que oferta ensino em período integral. Apesar de ser um assunto pouco conhecido, mas que nos últimos tempos vem ganhando destaque, podendo gerar muitas consequências para as vítimas.

Prevenir o *bullying* é uma missão complexa e envolve não só os profissionais que atuam na educação, mas também no convívio social, entre eles estão: a escola, os pais, os colegas, inclusive a mídia, que muito influencia nesses casos.

Em relação a este trabalho, os profissionais, precisam saber como, trabalhar com os envolvidos em situações de *bullying*, bem como para efetuar este trabalho perante as famílias dos envolvidos. Nesses casos o professor deve ser um aliado não só do aluno como também da família. Esse assunto deve ser discutido dentro de sala de aula com os alunos, desenvolvendo esses temas através com metodologias que coloquem o aluno no centro da aprendizagem, a fim de concretizar ações de contextualização, informação, mobilização e conscientização.

Através dos questionários aplicados aos professores nos permitiu um parecer geral sobre o grau de conhecimento por parte dos educadores sobre o *bullying*, as consequências e as estratégias de cada educador. Contudo, o que se observa que a escola pesquisada não revela nem uma preocupação com essa problemática, pois não disponibilizam de projetos ou até mesmo estratégias e conscientização para condutas que visem boas relações e valores entre os alunos dentro do espaço educacional. Não existem ações mais específicas direcionada no combate as provocações e brincadeiras maldosas entre os alunos.

No entanto, o que precisamos em nossas escolas é um trabalho contínuo e paralelo com projetos pedagógicos de prevenção e intervenção, que incluam e possibilitem a troca de experiências da escola com a comunidade, pois muitos pais e não conhecem o tema e se conhecem o interpretam de formas incorretas.

Assim concluímos que esta busca deve ser diária e constante, os profissionais envolvidos neste processo de combate da *bullying* devem considerar que a escola precisa ser um local onde o aluno se sinta capaz e seguro para se desenvolver sem medo e de maneira saudável. É importante estarmos sempre em processo de aprendizagem, levemos em conta que a prática profissional docente não está ligada somente ao conhecimento teórico do professor, trasladando o eixo da aprendizagem do ensinar para aprender com as diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAPIA. Bullying. Disponível em: <http://www.bullying.com.br>. Acesso em agosto/2013;

CHALITA, G. **Pedagogia da amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Editora Gente, 2008;

CHEFFER, L. [et.al.] Subjetividade e arte. **Anais da VI Semana de Psicologia da UEM**. Outubro de 2004, Maringá, 2014;

COSTANTINI, A. **Bullying, como combatê-lo: prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. Trad. Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004;

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Editora Verus, 2005;

LOBO, L. **Escola de pais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1997;

LOPES NETO, A.A. **Diga não ao bullying**. 5 ed. Rio de Janeiro, ABRAPIA, 2004;

_____. **Bullying: saber identificar e como prevenir**. São Paulo: Brasiliense, 2011;

_____. **Comportamento agressivo entre estudantes. 2005**. Jornal de Pediatria disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.pnh?script=sci>, acesso em: agosto 2013;

LÜDKE, M.: ANDRÉ, M.E.D.A. **pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. SÃO PAULO: EPU, 1986;

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E.M. **Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. ver. Ampl. São Paulo: Atlas, 2001;

PEREIRA, B.O. Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Ministério da Ciência e da Tecnologia. **Para uma escola sem violência – Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Porto: 2002.